



GERAL

AO VIVO | O que são fintechs, a repercussão da megaoperação contra o PCC, entrevista

Não pode ser esquecido Notícia

"Stonewall Tupiniquim": por que agosto é o mês da visibilidade da mulher lésbica no Brasil?

Trajetória das lésbicas brasileiras se consolida como um ato de resistência com a criação do boletim ChanacomChana, publicado entre 1981 e 1987, em plena ditadura militar

29/08/2025 - 08h00min

Atualizada em 29/08/2025 - 09h43min

MAYARA MORALES

GZH

[Enviar email](#)

Pesquisadora Patrícia Lessa traz o contexto histórico das reivindicações da comunidade lésbica.
Isa Angioletto / Divulgação

Agosto é marcado por duas datas que simbolizam as muitas reivindicações da comunidade lésbica no Brasil. O mês está chegando ao fim, mas as **reivindicações da comunidade lésbica** não se limitam a esse intervalo de dias.

OUTRAS NOTÍCIAS

FEMINISTA (GALF) NO FERROS DA, EM SÃO PAULO. O estabelecimento havia proibido a distribuição do jornal – e, posteriormente, do boletim – ChanacomChana, que trazia **informações diversas e de interesse da comunidade.**

LEIA MAIS



Sete filmes que celebram o ato revolucionário de amar mulheres



Estado destina verba para melhorias no atendimento à população LGBTQ+, mas poucos municípios solicitam recurso

O boletim teve 12 edições, encerrando as atividades em 1987, quando abriu caminho para as publicações de Um Outro Olhar. Este com distribuição de 10 edições até 1990.

— ChanacomChana foi um nome provocativo. Um nome para brincar com algo que era muito particular daquele momento histórico. O GALF, quando houve a reabertura do processo democrático (*no país*), mudou o nome (*do boletim*) para Um Outro Olhar — explica a educadora e tradutora, Patrícia Lessa.

Alguns anos depois, em **29 de agosto de 1996**, ocorreu o 1º Seminário Nacional de Lésbicas, no Rio de Janeiro, organizado por ativistas que buscavam **romper o silêncio sobre as violências sofridas** por essas mulheres. Desde então, essa data passou a ser celebrada como o Dia Nacional da Visibilidade Lésbica.

Lésbicas resistem contra a ditadura militar

O **termo lésbica** surgiu em uma época em que mulheres que se relacionavam exclusivamente com outras mulheres eram vistas como doentes e, em alguns casos, até criminosas. Para realizar os **movimentos de luta no Brasil** durante o regime militar, portanto, essas mulheres encontraram ainda mais desafios.

Lessa enfatiza que o jornal ChanacomChana adotava um **tom de denúncia**, trazendo charges que evidenciavam a ação truculenta da ditadura militar contra ativistas da comunidade LGBTQ+.

— Havia denúncias em charges contra a Operação Sapatão em São Paulo. A Operação Sapatão era uma forma de cercear as liberdades, que já vinham de uma expressão mundial, como o próprio Stonewall dos Estados Unidos — explica a pesquisadora.

LEIA MAIS



Pansexual, abrossexual e assexual: o que significam e quais as diferenças

A operação citada por Lessa ocorreu em 15 de novembro de 1980, quando, sob ordens do delegado José Wilson Richett:

policiais saíram às ruas para prender lésbicas. Mais de 200 mulheres foram detidas e liberadas após o pagamento de propina, segundo registros do Memorial da Resistência, em São Paulo.

VIOLENCIA

"De noite, eu ando na cidade e te procurar, sem encontrar..."
(Paulo Vanzolini)

Inicialmente havia apenas reclamações isoladas de andorinhas travestis e prostitutas vítimas da violência policial que, desde o fim de maio, tomou conta de São Paulo, sob pretexto de limpar a cidade de vagabundos, anormais (também conhecidos por homossexuais), decalados ou mundanos, marginais e desocupados em geral. Como é que se limpa uma cidade de 10 milhões de habitantes, refúgio dos miseráveis de todo o Brasil, com taxa de desemprego atingindo 8% da população ativa? Fácil: dando serviço para a polícia que, nestes tempos de semi-anistia, é menos solicitada mas precisa mostrar serviço. E daí, desviada Paulicéia!

UMA GUERRA SANTA, EM NOME DA FAMÍLIA E DA MORAL.

Em abril, um jornal de grande penetração nas áreas conservadoras inicia uma campanha contra os travestis, sugerindo que a polícia tome atitudes mais enérgicas, em função do caso de um anti-quário supostamente assassinado por um travesti. Logo depois, o delegado da Zona Sul (onde ocorreu o crime) Paulo Boncristiano e o Coronel da Polícia Militar Sidney Palcos tornam público um plano para combater travestis e homossexuais. Tal plano pretende juntar as forças da polícia militar e civil (verdadeira façanha, considerando-se as rivalidades entre ambas) para, entre outras coisas, tirar os travestis dos bairros residenciais, reforçar a Delegacia de Vadiagem e destinar um prédio (o desativado presídio do Hipódromo) para abrigar especialmente homossexuais. No fim de maio, é transferido para a Terceira Seccional (Centro) um delegado que se vangloria de ter, na década passada, expulsado as prostitutas de São Paulo e criado a zona de meretrício em Santos. Nome do personagem: José Wilson Richetti. Ele chega para levar o plano até as últimas consequências, através da Operações Limpeza e Ronda. Com uma bem montada equipe interpolicial, sai pela cidade disposto a limpar não apenas as zonas residenciais mas sobretudo o centro da cidade, atacando as Bocas do Lixo, a Rego Freitas, Av. Ipiranga, Largo do Arouche e Vieira de Carvalho, áreas frequentadas por prostitutas, travestis, micheis, lésbicas e bichas em geral. Portando-se como um herói, ele publica um relatório para documentar a operação, e alega apoio total de seus superiores, o secretário de segurança desembargador Otávio Gonzaga Jr. e o chefe do Departamento de Polícia da Grande São Paulo, delegado Rubens Liberatori (acusado de deflagrar a famosa Operação Camanducaia que, em outubro de 1974, retirou menores infratores de São Paulo para soltá-los nos interiores de Minas). Aliás, um policial deixou claro a um repórter que as operações de limpeza estavam se realizando também a mando do general Milton Tavares, comandante do Segundo Sétimo.

Nas semanas iniciais, as investidas da polícia ocorrem de forma maciça, simultaneamente em diferentes regiões do centro, em horários disparados que variam das quatro da tarde às quatro da madrugada, inclusive arrancando gente de dentro de táxis. Depois, prestando insuficiência de efetivos policiais (!), a Operação Limpeza entrou num ritmo menos maciço, agora mais rotineiro. De tal modo que os carros de chapa fria ou camburões rondam sistematicamente o centro ou estabelecem em pontos-chave como o Largo do Arouche, levando quem não tiver carteira profissional assinada. "Precisamos tirar das ruas os pederastas, maconheiros e prostitutas", é o que declara Richetti, dizendo-se revoltado porque certa noite topou com dois homens beijando-se em público. "Eles não respeitaram nem minha mulher", reclama o delegado.

FINALMENTE, A QUERIDA PAZ DOS CEMITÉRIOS.

O primeiro escândalo ocorre quando a revista, ISTO É, publica a foto de um travesti sendo pisoteado durante uma rodada policial. Richetti justifica dizendo tratar-se de um homossexual que tentara matar uma pessoa. Logo depois os jornais noticiam que a prostituta Idália atirou-se do segundo andar da Seccional Centro, para evitar-se ou escapar das violências sofridas. Outras mulheres vítimas da repressão referem-se aos beijos de água fria e às porradas que arrancam dentes, quebra-quebra e provocam abortos: denúncias estereótipas mascaradas em fitas alusivas para serem libertadas, e roubos sistemáticos de objetos de valor ou dinheiro, no ato da prisão. Richetti, muito eloquente, diz que é incapaz de hostear uma mulher nem tocare a sua

São Paulo: a guerra santa do Dr. Richetti

Richetti, o "despeitado", à frente dos seus homens

As mulheres na passeata contra a repressão policial

investigadores o façam. Mas segundo depoimento de uma vítima ao deputado Eduardo Suplicy, é o próprio Richetti quem esmura as costas ou a cabeça das mulheres que deixam a prisão, exigindo que mantenham o bico calado sob pena de represália. E um travesti relata como Richetti abriu uma gaveta e fechou-a violentamente, prendendo seus seios. Naturalmente, eles, infelizes são acusados de inventar tudo, porque não estão do lado da lei, que cria a verdade. Mas nestes dias não é preciso muito esforço para ver surras em público. Na esquina da Rego Freitas com maior Sertório, investigadores tentam, tirar a dentadura de um travesti, para recolher a gilete ali escondida. Como ele jura aos berros que seus dentes são naturais, é espancado e tido por mentiroso.

Não adianta apresentar documentos ou provas de bom comportamento, pois o critério é dos policiais. Muitas prostitutas estão sendo presas inclusive quando trazem bebês-corpos preventivos, que é rasgado no momento da prisão, pelos homens da lei. (Risos sarcásticos para a cega justiça). Nem adianta mostrar orelhas milionárias se você é uma bicha desmuntada. Aliás, nos bares do Largo do Arouche, os investigadores já chegam gritando: "Quem for viado pode ir entrando no camburão". Lena, Constituinte, Diretora? Até provar em contrário, todos os cidadãos são suspeitos. É por isso que o centro de São Paulo agora anda em paz; pelas ruas passeiam apenas bandos de policiais.

Apesar dos números (de 1.500 pessoas presas em uma semana, apenas 0,8% foram indiciadas), Richetti diz que as rondas estão dando bons resultados, alegando que ao centro o número de assaltos diminuiu de 30 para 5 por dia. E afirma que só irá "acabar com isso quando os comerciantes e as famílias vierem me pedir". Inadvertidamente, uma providencial desconhecida As-

que há uma chuva intermitente; mas pela panfletagem e cantos realizados, esperava-se pelos menos o dobro de pessoas. Talvez os chamados setores democráticos não tenham achado a causa suficientemente nobre. No entanto, seus escassos representantes ali presentes pareciam dispostos a tirar o máximo rendimento possível. Comparar a sim as bichas rasgadas que pouco têm a perder, além da vida. Mesmo debaixo de um certo clima de tensão, foram se abrindo algumas faixas que podiam a exonerar de Richetti, protestavam contra a prisão cautelar ali experimentada e exigiam o fim da violência policial, da discriminação racial e a libertação de putas e travestis. Foram lidas várias cartas assinadas pelos diversos grupos organizadores do Ato. Certamente acostumados aos estereótipos tipo Trapalhões, os transeuntes olhavam perplexos para aqueles beijos, abraços e desmuntagens legítimas. E devem ter ficado ainda mais confusos quando os outros o primeiro slogan, gritado numa só voz: ADA, ADA, ADA RICHETTI É DESPEITADO. Ou então: A B X, LIBERTEM OS TRAVESTIS. Formada a passeata, logo depois, as frases foram pipocando, quase sempre impacientes: RICHETTI ENRUSTIDA DEIXA EM PAZ A NOSSA VIDA. UM DOIS TRÊS RICHETTI NO NADREZ. ABAIXO O SUBM-PREGO MAIS TRABALHO PARA OS NEGROS. E muitas manifestantes se espantaram quando algumas feministas puxaram um refrão longamente por todos repetido: por todos SOMOS TODAS PUTAS.

Subindo pela Avenida São João e parando o trânsito, a passeata abria-se com um cordão de mulheres enlaçadas. Podia-se ouvir em uníssono: O GUEI UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO OU AMOR FEIJO ABAIXO O CAMBURÃO (para conter os mais tradicionais, virava para ARROZ FEIJO ABAIXO A REPRESSÃO). Já na Praça Júlio Mesquita, a passeata se detém diante do Edifício Século XX, que abriga grande número de prostitutas e foi recentemente invadido pela polícia; temerarias de revanche, as mulheres não compareceram ao Ato mas saíram das janelas e são aplaudidas. Aproximando-se do Largo do Arouche, ecoam os gritos uníssomos de LUTAR VENCER, MAIS AMOR E MAIS PRAZER. Ou também: AMOR TESSÃO, ABAIXO A REPRESSÃO. A essa altura, algumas bichas mais afofas pulam numa desmuntagem feroz e ensaiam seus próprios slogans do tipo RICHETTI É LOUCA, ELA DORME DE TOUCA. Entrando no Largo proibido desde há duas semanas, os manifestantes gritam O AROUCHE É NOSSO. Como a passeata estaciona ali por algum tempo, vários estabelecimentos amplamente vistados pelas bichas começam a baixar as portas, inclusive o famigerado Caneca de Prata cuja clientela de viados classe-média, entre incrédula e divertida, espia as primas pobres, através da porta de vidro. É só na Boca do Lixo que a passeata vai se dissolver, em meio a um ligeiro alvoroço de alarme falso.

E A GUERRA NÃO ACABOU...

Nada indica que a repressão vai arrefecer depois disso. Apesar de prometer punição para as arbitrariedades dos policiais, o secretário de segurança adverte que "não será esse o pretexto de que poderão valer-se aqueles que infringem as leis, ou atentam contra a moral e os bons costumes, para voltar a constranger a sociedade com seus desvios de comportamento". Aliás, de agora em diante parece que o próprio DOPS irá acompanhar o movimento homossexual com mais atenção, conforme se deduz de boletim expedido por esse órgão. Basta lembrar que a faixa mais visível da manifestação era uma enorme bandeira rosa com o nome da Convergência Socialista, cujos fatos foram amplamente difundidos pela imprensa. Sem querer, acabaram todos passando por membros dessa organização — numa tática já conhecida.

De todo modo, a abertura finalmente encontrou seus bodes-expiação. Cada beijo proibido irá costar uma briga. Não porque a repressão aumentou: trata-se da mesma repressão que se tornou mais explícita. Mas também é certo que, ao invés de conter a violência, a máquina que sustenta o Dr. Richetti estará apenas retardando e efeito da bomba. Trata-se de um problema de sobrevivência e não de moralidade. Basta ouvir a prostituta Kléria: "Quando posso, dou cobertura para os trombadinhas. Passa um por mim correndo e eu digo: Vai meu filho, que Deus te ajude".

... e nesse dia então vai dar na primeira edição: cena de sangue num bar da Avenida São João".

(João Silvério Trevisan)

O AROUCHE É NOSSO

Naguela sexta-feira 13 de junho, dia de Santo Antônio, quase mil pessoas se reuniram diante do Teatro Municipal, no começo da noite. É verdade

4. Página 11

LAMPÃO da Esquina

Publicação de julho de 1980 do Jornal Lampião da Esquina destaca a perseguição de Rich resistência do GALF.